

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A Cinemateca com o Doclisboa: Cecilia Mangini
25 de Outubro de 2021

ALL' ARMI SIAM FASCISTI! / 1961-62

um filme de Lino Del Fra, Cecilia Mangini, Lino Micciché

Realização e Argumento: Lino Del Fra, Cecilia Mangini, Lino Micciché / **Texto:** Franco Fortini / **Vozes:** Emilio Cigoli, Nando Gazzolo, Gian Carlo Sbragia / **Fotografia:** Giuseppe De Mitri / **Som:** Renato Caduen / **Música:** Egisto Macchi / **Montagem:** Giorgio Urschitz (Renato May).

Produção: Universale Film / **Cópia:** em ficheiro, legendada electronicamente em português e inglês / **Duração:** 108 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** Agosto de 1961, Festival de Cinema de Veneza / **Estreia:** 1962 / Primeira exibição na Cinemateca.

Co-realizado por Cecilia Mangini, Lino Del Fra e Lino Micciché, **All'Armi Siam Fascisti!** é um filme de montagem exclusivamente construído por imagens de arquivo que se desenvolve como uma investigação sobre o fascismo e as suas origens, percorrendo cinquenta anos de história italiana e europeia (1911-1961) e evocando uma continuidade entre os vários movimentos fascistas. Projectado no Festival de Cinema de Veneza em Agosto de 1961, ficou bloqueado pela censura italiana até ao Verão seguinte, altura em que foi estreado com um excelente acolhimento (e alguns protestos de grupos fascistas). Este será o primeiro trabalho de Mangini exclusivamente assente em imagens de arquivo, seguindo-se **Processo a Stalin**, filme de 1962-63 (também conhecido como **La Statua di Stalin / Stalin**), co-dirigido com Lino del Fra e Franco Fortini, que procurou tirar partido da experiência de **All'Armi Siam Fascisti!**, desenvolvendo o trabalho assente em imagens pré-existentes.

Como cita Anne-Violaine Houcke, num texto dedicado às “Afinidades electivas entre Cecilia Mangini e Pier Paolo Pasolini”, as quais já mencionámos noutra ocasião, Pasolini viu o filme no Verão de 1961 e terá escrito: “Nestes últimos dias assisti a uma projecção privada de **All'Armi Siam Fascisti!**, que é uma obra magnífica, uma das obras mais comoventes que alguma vez vi”. Como Houcke ainda refere, Pasolini, que havia sido o autor do comentário do filme anterior de Cecilia Mangini, o belíssimo **La Cantata delle Marane**, propôs que nesse filme se entoasse uma música intitulada “All'Armi Siam Fascisti!”, sublinhando já aí a continuidade entre o fascismo do passado e o seu ressurgimento no presente.

Esta era uma questão polémica em Itália pois nessa altura pois, de um ponto de vista mais geral, “Itália” não estava preparada, nem inclinada, para olhar para o seu passado fascista. Os acontecimentos de Junho de 1960 em Génova foram o detonador para que os autores do filme se dedicassem à questão da “amnésia colectiva”, evocando que não eram apenas os herdeiros de um passado fascista, mas que tinham toda a responsabilidade de agir sobre o

presente. Em Génova havia-se assistido a uma sublevação da população para impedir o Congresso do M.S.I. (Movimento Sociale Italiano), partido neo-fascista que apoiava o governo de então, e o quinto partido italiano. Tratavam-se de expressivos protestos antifascistas que se estenderam a outras cidades italianas e que foram fortemente reprimidos, dando origem a várias mortes.

Realizado após as manifestações antifascistas italianas desse Verão de 1960, **All'Armi Siam Fascisti!** participa não só deste momento histórico, como de um movimento cinematográfico internacional associado a um cinema militante que trabalha com imagens de arquivo fazendo uma arqueologia do presente. Agradece-se de entrada a Joris Ivens, mas pensamos também no posterior **Le Fond de L'Air est Rouge**, de Chris Marker, pois ambos os filmes têm em comum um exímio trabalho de montagem sobre as imagens de arquivo e uma releitura da História através das suas imagens e, em concreto, do próprio cinema.

O acutilante e excelente texto de **All'Armi Siam Fascisti!** é da autoria do escritor italiano Franco Fortini, que opõe logo de entrada as imagens da guerra às do divertimento. Num dos seus pontos mais explícitos, uma voz off enumera os ditadores europeus e refere ironicamente que será sempre melhor “Mussolini, Hitler, Salazar, que o Socialismo”; “Melhor os bombardeamentos (aos outros, claro), que o Socialismo”. Sintomaticamente revela-se como os camisas negras eram os anteriores camisas brancas, e como para impor a ditadura há que impor eleições, sendo assassinado o opositor socialista que denuncia a fraude eleitoral de Mussolini. “A lei não é igual para todos”. Da Guerra Civil de Espanha, onde encontramos soldados italianos de Mussolini que “não sabem porque estão ali”, passamos às pilhas de cadáveres e às imagens dos campos de concentração nazis e à devastação e bombardeamento de cidades inteiras. Porquê tanta felicidade, pergunta-se a dada altura face às imagens dos festejos no pós-II Guerra. “Não era apenas o fim da guerra, era a esperança de uma sociedade nova”. O texto é fortíssimo e, como as imagens, revela como a história se repete e se pode continuar a repetir caso não estejamos atentos aos erros do passado e dispostos a agir no presente. “O século XX será o século do fascismo”, diz-se a dada altura, como será visto o século “XXI”?. Dependerá de cada um.

O propósito militante do filme enquanto arma para a luta antifascista é explícito, assim como o é o seu propósito de elucidação histórica. Como afirmou mais tarde Cecilia Mangini: “Certamente, o autêntico filme de compilação não pode ser um texto historiográfico, mas ainda assim serve como uma ferramenta pragmática, indispensável, eu diria, à historiografia (acreditamos que hoje um historiador não pode deixar de examinar os arquivos fínicos na sua obra).” Partilhando as concepções da Nova História, os autores do filme tiveram que lidar na altura com a “violência” do próprio Arquivo. Negada a possibilidade de usarem imagens provenientes dos arquivos oficiais italianos (o Instituto Luce negou-lhes as imagens) tiveram que recorrer a material existente nos arquivos de outros países europeus.

Joana Ascensão